

Artur Chinelato de Camargo

De arrepiar os cabelos

Tem coisas que acontecem no meio rural brasileiro que até Deus duvida e ou eu estou ficando com menos paciência, ou as barbaridades que ouço e vejo por aí estão me deixando inconformado. Confira e tire suas conclusões.

Caso 1 – Falava em uma reunião da necessidade de se fazer uma amostragem de solo no início do trabalho, para sabermos o que deverá ser aplicado visando o aumento da produtividade da terra. Nisso um produtor com uma bituca de cigarro no canto da boca ergueu a mão e falou que a análise de solo era muito cara. Perguntei para ele quantos cigarros ele fumava diariamente? “Um maço”, respondeu-me. “Qual o preço do maço?” questionei. Ele disse que custava R\$ 1,50. Fiz as contas e disse que todo mês ele poderia mandar analisar 3 amostras de solo se parasse de fumar. Ficaria sabendo o que estava faltando em sua terra, pararia de se matar e de poluir o mundo. Ficou bravo comigo e se retirou da reunião. Ora tenha dó, se você também acha a análise de solo cara, desista da atividade rural e vá tentar a sorte na cidade. Está fácil por lá, só para lembrar.

Caso 2 - Um produtor perguntou-me se seria necessário aplicar calcário todo ano nas pastagens. Respondi que dependia do resultado da análise do solo. Se fosse detectada deficiência, deveria sim ser aplicado, na dose recomendada. Ele insistiu na pergunta e acrescentou se não seria perigoso. Não entendi o porque do receio e ele me disse que tinha medo que a terra se acostumassem à dosagem anual de calcário. Não agüentei. Disse para ele que não precisava ficar preocupado com o seu solo, pois ele não iria ficar viciado em calcário, apesar deste ser um pó branco, mas totalmente legal.

Caso 3 - Vaca de leite tem os cascos muito fracos e não aguenta andar. Essa afirmativa é compartilhada por muita gente. Na visita à propriedade de um desses profetas do apocalipse, o corredor de acesso à sala de ordenha além de ser estreito (uns 2 metros de largura), estava cravejado de entulho (restos de construção), colocado pelo brilhante proprietário, na tentativa de reduzir a formação de lama. Se permitisse que as vacas chegassem ao local de ordenha sozinhas e cada uma ao seu tempo, pode

ser que elas, passa após passo, conseguissem escapar das armadilhas preparadas pelo insano. Para entornar o caldo de uma vez, seus empregados tocavam as vacas para o retiro a cavalo e com a companhia de um cachorro histórico a latir. Ou seja, não havia escolha, absolutamente todas estavam com problemas nos pés. “Está vendo, você não acreditou em mim, está aí a prova, todas as vacas estão com problemas nos cascos”, disse, tentando convencer-me que estava com a razão. Fiquei estarelecido e só respondi para ele que os cascos das vacas não eram fracos e sim sua mente. Vendeu todo o rebanho para o abate. Graças a Deus! Um louco a menos!

Caso 4 - Na visita a uma propriedade, vi o produtor ladrilhando o cocho de alimentação. Perguntei porque estava fazendo isso e ele deu uma explicação sensacional. Era para não lixar a língua da vaca com o cimento áspero. Fiquei surpreso com a preocupação insólita e quis saber qual seria o problema caso o cocho ficasse com rugosidade em sua superfície e a língua ficasse como ele disse, lisa. Explicou-me (pasmem), que se a língua da vaca ficasse como bumbum de nenê, sem as papilas, a vaca não conseguiria apreender o capim durante o pastejo (ele escorregaria) e ela passaria fome. Haja criatividade e falta do que fazer.

Caso 5 - O produtor resolve fazer a segunda ordenha e das doze vacas que estão em lactação, tira o leite de apenas cinco na mungidura da tarde, alegando muito trabalho. Por menos leite que as outras 7 vacas produzam, não entendi

porque não extraí-lo, afinal a ordenha era manual e as sete renegadas estavam produzindo algo em torno de 6 litros cada uma na única ordenha. Se aumentassem, na retirada da tarde, apenas 1 litro, seriam mais 7 litros produzidos, que ao preço de R\$ 0,50, representariam R\$ 3,50 por dia ou R\$ 105,00 no mês, pagando boa parcela da adubação nitrogenada que realizava nos piquetes. É como tomar banho de um lado só do corpo. Já que entrou no banho, tem que ser completo.

Caso 6 - Um prefeito de um pequeno município paulista, cuja arrecadação depende quase que integralmente da produção agrícola, achou que o técnico da Casa da Agricultura estava ganhando muito (R\$ 1.600,00!!!) e resolveu economizar retirando alguns benefícios, reduzindo seus proventos para pouco mais da metade do que antes recebia. No dia seguinte, deu entrevista à rádio local dizendo, com todas as letras, que a agricultura teria prioridade número 1 em seu mandato e que os produtores poderiam procurar o técnico na Casa da Agricultura. Imagine a motivação desse técnico diante de tanto prestígio. Durma-se com um barulho desses.

Caso 7 - O governo paulista, assessorado por alguma cabeça iluminada, resolveu e fez um concurso para contratar pesquisadores para uma instituição recém criada e deixou muitos dos extensionistas da CATI (que é do Estado), abandonados à sorte (literalmente), de serem comandados por prefeitos pouco comprometidos com o meio rural, como o do caso anterior. Governador, a necessidade dos produtores rurais, incluindo os de leite, é de gente capacitada que pegue das prateleiras os resultados de pesquisa há muito tempo existentes, oriundos das diversas entidades do ramo no Estado (universidades, institutos e centros de pesquisa) e leve-os ao campo, inclusive para ver se esses resultados de pesquisa têm alguma serventia. Só teremos uma agricultura socialmente justa no momento que o Brasil tiver uma extensão rural motivada (salários dignos), com condições de trabalho, sendo freqüentemente reciclada e cobrada com rigor por seus superiores, mostrando na prática (e não no papel), o resultado de sua atuação. Até lá, salve-se quem puder!



Artur Chinelato de Camargo é agrônomo e pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP. (16) 3361-5611 artur@cppse.embrapa.br